

AVALIAÇÃO DO PERFIL EPIDEMIOLÓGICO DE PARTURIENTES ADOLESCENTES: UM RETRATO DA REALIDADE SERGIPANA NOS ÚLTIMOS 5 ANOS.

XV Congresso Sergipano de Ginecologia e Obstetrícia, 1ª edição, de 12/09/2024 a 14/09/2024
ISBN dos Anais: 978-65-5465-122-6

ANDRADE; Milena Santana de¹, GUIMARÃES; Ana Júlia Siqueira², ANDRADE; Paula Fernanda Santos³, PEREIRA; Renata Fontes⁴, MONTEIRO; Mariana Souza⁵, NOGUEIRA; Marina de Pádua⁶

RESUMO

INTRODUÇÃO: A Organização Mundial da Saúde (OMS) considera a adolescência como uma etapa da vida do ser humano compreendida entre 10 e 19 anos de idade. No Brasil, este estágio na vida de muitas jovens que deveriam usufruir de novas descobertas é muitas vezes surpreendido por uma gestação. Segundo a OMS, a taxa de gestação na adolescência no Brasil é de 400 mil casos por ano, o que representa cerca de 14% do total de nascidos vivos. Diversos fatores contribuem para essa realidade, muitas vezes essas meninas estão expostas a uma situação de vulnerabilidade social, de extrema pobreza, sem acesso a serviços de saúde e à escola, falta de apoio familiar e exposição a violência de natureza física, psicológica e, principalmente, sexual. Dessa forma, além das consequências psicológicas para essa parcela da população, a gravidez nessa faixa etária acarreta risco não só para a mãe, como também para o feto, há aumento de chance de prematuridade, de baixo peso ao nascer, de notas inferiores no Apgar e de anomalias congênitas. Outrossim, há maior chance de transmissão vertical, de doenças, uma vez que essas meninas são menos assistidas por serviços de saúde e pré-natal. Assim, a gravidez na adolescência deve ser tratada como um problema de saúde pública.

OBJETIVO: Descrever o perfil epidemiológico das parturientes com idade até 19 anos no estado de Sergipe entre os anos de 2018 e 2022.

METODOLOGIA: Trata-se de um estudo descritivo, observacional, com dados do Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN), armazenados através das fichas de notificação compulsória e disponibilizados pelo endereço eletrônico do Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde (DATASUS). Foram incluídos todos os dados sobre nascidos vivos com mães residentes em Sergipe com idade inferior a 10 anos e de 10 a 19 anos e analisadas as seguintes variáveis: nível de instrução da mãe, estado civil da mãe, duração da gestação, tipo de gravidez, a quantidade de consultas de pré-natal e se estava adequado, o tipo de parto, cor/raça da mãe, o peso ao nascer do recém-nascido, Apgar no primeiro e no quinto minuto ao nascer e se houve presença de alguma anomalia congênita e o seu tipo. Os valores absolutos e relativos de cada variável foram armazenados em tabelas na ferramenta Microsoft Excel e submetidos a análises estatísticas. Não houve necessidade de aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa uma vez que os dados disponibilizados pelo DATASUS estão disponíveis para acesso público.

RESULTADOS/DISCUSSÃO: Entre os anos de 2018 e 2022 no estado de Sergipe foram registrados 11.818 nascidos vivos de mulheres com idade entre 10 e 19 anos. Corroborando com os dados encontrados em outros estados brasileiros, a cor mais prevalente é a parda, correspondendo a 84%. Quanto ao nível de instrução, 7022 das mães de nascidos vivos nessa faixa etária detinham 8 a 11 anos de estudo, em segundo lugar, 4530 delas apresentavam de 4 a 7 anos. Entende-se, portanto, que quanto maior o nível de escolaridade, maior o acesso a informações e, assim, menor a incidência de gravidez na adolescência, uma vez que a menor taxa - 0,9% - é encontrada em meninas com 12 anos ou mais de estudo. Acerca do estado civil, 76,8% das parturientes eram solteiras e 20,4% estavam em uniões consensuais. No que corresponde à gestação, a grande maioria – 98,3% - eram gravidez únicas. Quanto ao acesso ao pré-natal, 55,3% das meninas fizeram 7 consultas ou mais e

¹ Universidade Federal de Sergipe , milenasantana.andrade@gmail.com

² Universidade Federal de Sergipe , anajuguimaraes@gmail.com

³ Universidade Federal de Sergipe , paulafernanda@academico.ufs.br

⁴ Universidade Federal de Sergipe , renatafontess@academico.ufs.br

⁵ Universidade Federal de Sergipe , mxrianamonteiro@gmail.com

⁶ Universidade Federal de Sergipe , marinapnogueira@yahoo.com.br

foram seguidas daquelas que realizaram de 4 a 6 consultas - 34,8%. Em 60,1% dos casos, ele foi considerado adequado ou mais que adequado, considerando que o início foi antes do primeiro trimestre e que foram realizadas no mínimo 6 consultas. Nesse sentido, no estado de Sergipe, o acesso à saúde, mais especificamente ao pré-natal, foi garantido de forma parcial, o que comprova a necessidade de políticas públicas que visem diminuir a vulnerabilidade social dessa parcela da população, a fim de minimizar as possíveis complicações tanto para mãe quanto para o feto. No que concerne a duração da gestação, 10.275 delas (87%) foram de 37 a 41 semanas, o parto foi por via vaginal em 73,5% dos casos e a cesárea foi realizada em 26,4% das meninas. A Organização Mundial de Saúde (OMS) determina que a taxas de cesarianas sejam menores que 10%, uma vez que porcentagens acima desse valor não estão relacionadas com redução de morbimortalidade materna e neonatal. No Brasil, a taxa de cesariana encontra-se em torno de 56% com variações a depender do estado, se o serviço é privado e da escolaridade e da faixa etária da mulher. Observa-se, portanto, uma tendência sergipana, que vai de encontro a média brasileira, ao realizar a maior parte dos partos por via vaginal em parturientes adolescentes. Pode-se inferir que o risco maior de morbimortalidade materna e neonatal durante uma cesariana devido à imaturidade ginecológica e problemas anatômicos e uma maior informação por parte das gestantes durante o pré-natal influencie nessa decisão. Apesar disso, a imaturidade emocional dessas adolescentes e o despreparo para o parto vaginal podem ser fatores que ainda dificultam que o estado atinja a meta preestabelecida pela OMS. Quanto aos nascidos vivos, 89,4% tiveram bom peso ao nascer, foram observadas anomalias congênitas em 107 deles, sendo 46% deformidades congênitas do aparelho osteomuscular, e o Apgar foi considerado bom no primeiro e no quinto minuto em mais de 80%. CONCLUSÃO: As parturientes entre 10 e 19 anos com nascidos vivos no estado de Sergipe entre os anos de 2018 e 2022 apresentam perfil epidemiológico de serem pardas, terem de 8 a 11 anos de instrução e serem solteiras. Quanto à gestação e ao parto, a maior parte delas tiveram gravidez única e, em média, em 4 a cada 10 meninas o pré-natal foi considerado inadequado. Na grande maioria, o parto foi realizado por via vaginal entre 37 e 41 semanas e os bebês tiveram bom peso ao nascer e sem anomalias, com Apgar compatível com boa vitalidade.

PALAVRAS-CHAVE: Gravidez na Adolescência, Parturientes, Perfil Epidemiológico